

Rampa do Congresso é ocupada por favelado

16 SET 1987

JORNAL DE BRASÍLIA

DF - Smuabau

Helena Cirineu

A rampa do Congresso Nacional se transformou, ontem, no abrigo dos ex-invasores da 110 Norte. Despejados da invasão, no dia 16 de agosto, os favelados estavam instalados na Igreja Nossa Senhora das Graças, na 908 Norte, há um mês. Mas, devido à falta de estrutura da casa paroquial, os desabrigados decidiram acampar em frente ao Congresso, como forma de pressionar os constituintes a intervir na questão da moradia.

O acampamento iniciou a partir das 9h00. Primeiro chegaram as mulheres com as crianças, depois os homens. Ninguém sabia informar quantas famílias são responsáveis por cerca de 100 crianças que brincam no local. Na chegada, a primeira visita que os desabrigados receberam foi do chefe de segurança do Congresso, que alertou os invasores de que o local era impróprio para acampamento. Depois chegou um agente de polícia intimando os favelados a se afastarem da rampa, e se instalam na Esplanada.

Mas o grande número de crianças fez com que os desabrigados decidissem ficar sob a rampa, único lugar protegido na área. Ali, eles espalharam colchões, onde as crianças aproveitaram a sombra e o vento, enquanto outras, alheias ao movimento dos constituintes, dormiam tranquilas em camas improvisadas. A maioria, entretanto, apresentava sintomas de gripe,

diarréia, febre e até princípio de pneumonia.

Alternativa

Para os desabrigados, a rampa foi a última alternativa que lhes sobrou. A Igreja Nossa Senhora das Graças já não tinha mais condições de abrigá-los. Com mais de 400 pessoas, a estrutura do prédio não suportou e a rede de esgoto arrebentou em dois lugares. Os banheiros estão danificados e a falta de água é constante. O padre Joaquim Horta disse que não tem mais condições de manter na sua paróquia os favelados, que chegaram para passar apenas a noite do dia 16 de agosto, e permaneceram lá até ontem.

Os desabrigados dizem que o padre fez muito por eles. "Nós chegamos na igreja com fome e sem nada; o padre nos deu comida e nos abrigou por um mês sem ter obrigação, e não nos deixou faltar nada", contou uma invasora. "Ele fez tudo por nós nesses 30 dias", disse outra. Mas agora a única esperança são os constituintes. A proposta do Governo do Distrito Federal, de levá-los para Goiás, foi rejeitada. Eles só aceitam lotes dentro do DF.

História

Na avaliação dos desabrigados, existem mais de 80 famílias na rampa. Uma delas é a de Florinda Rodrigues de Oliveira, de 43 anos. "Não vou para Brasilinha, porque moramos há 27 anos aqui. Meu marido pegou de picareta, construiu Brasília, conhece toda his-

tória desta cidade e agora querem nos expulsar", desabafou ela. Disse que há 15 anos estão inscritos na Sociedade de Habitação e Interesse Social (SHIS) e até o momento não conseguiram moradia. Já chegou a mandar uma carta para o presidente José Sarney, e não conseguiu nada.

O cearense Pedro Barbosa só está há quatro anos em Brasília e diz que, durante todo este período, sempre morou no cerrado. Veio do Ceará com a esposa e seis filhos em 1982, porque, segundo ele, estava passando fome por lá. "Vim procurar melhora, porque aqui a gente tem ganho direto e lá não. E viver da lavoura não dá porque não chove", justificou ele, que também não quer morar em Brasilinha porque trabalha de pedreiro e o seu salário não dá para pagar a passagem e sustentar sua família.

A situação dos que esperam ser transferidos para Brasilinha também não está fácil. Maria do Carmo da Silva, mãe de cinco filhos, não sabia, ontem, para onde ir. O secretário Adolfo Lopes, de Serviços Sociais, prometeu levá-los para Brasilinha até o final de semana, mas sua família teria que desocupar a Igreja ainda ontem. Ela disse que optou por Brasilinha porque "já sofremos demais". E, como não tinha para onde ir, disse que estava esperando seu marido chegar do trabalho de catador de papel na rua, para eles se abrigarem debaixo de uma árvore em algum lugar do Plano Piloto.

Documento apela aos constituintes

Para sensibilizar os Constituintes quanto à situação dos desabrigados, foi elaborado um documento que relata a condição em que vivem desde que foram despejados. No documento, denunciavam a «operação despejo» que mobilizou helicóptero, tratores, soldados, cavalos, cães e viaturas da Polícia. «Fomos sitiados desde a madrugada, nossos barracos foram incendiados, nossos bens seqüestrados, fomos discriminados e desrespeitados em nossa condição de seres humanos e cidadãos», diz o documento.

Por último o documento apresenta quatro reivindicações: o compromisso da suspensão de despejo e que as remoções sejam antecedidas pela criação de condições dignas de moradia; reconhecimento do caráter de população sinistrada aos ex-invasores e apoio emergencial; assentamento das famílias dentro do perímetro do DF; e elaboração de uma política justa de moradia.

Os moradores estão recebendo o apoio da Associação Ação e Vida. Com diversas bandeiras do movimento «Criança Prioridade

Nacional, o membro da Associação, Deodato Rivera, disse que vai iniciar um jejum em prol dos desabrigados. «O drama da criança começa com o problema da moradia», garantiu ele. Informou ainda que o senador Pompeu de Souza (PMDB-DF), o deputado Sigmaringa Seixas (PMDB-DF), o senador Paulo Bisol (PMDB-RS) entre outros constituintes, vão requerer uma comissão de inquérito para apurar as causas, responsabilidades e conseqüências das violências ocorridas no despejo da 110 norte.